

O instante fotográfico: os lugares de memória da cidade do Rio Grande do período de Juscelino Kubistchek

Maria Clara Lysakowski Hallal¹²⁹

Resumo

Os anos 1950, mais precisamente os anos do governo de Juscelino Kubistchek de Oliveira (1956-1961) eram marcados pelo desejo e anseio pela urbanização e, conseqüentemente, modernização. Assim, chega-se a cidade do Rio Grande, localizada no Rio Grande do Sul, e possuindo importância considerável portuária (variando entre a 1ª a 3ª posição brasileira) e industrial. O objetivo principal deste trabalho é compreender como se expressou a visualidade urbana, conseqüentemente a modernização e urbanização na cidade do Rio Grande. Para isso, serão utilizadas fotografias da cidade, oriundas do estúdio Casa Foto Rio Grande e fotorreportagens do Jornal *Rio Grande*. A fotografia é um produto da cultura material do momento. Assim, este trabalho, sob a perspectiva da atualidade, é um trabalho de “patrimonialização” daquele instante. Dessa maneira, as imagens, configurações e representações do tempo vivido ou imaginado pertencem ao campo da memória.

Palavras-chave: Juscelino Kubistchek de Oliveira – urbanização – modernização – Rio Grande - memória

Introdução:

Este trabalho, oriundo da dissertação de mestrado em História da UFPEL, teve início em meados de 2012, quando a autora ingressou no referido curso. A partir de então, análises e outras ideias foram inseridas na pesquisa.

Primeiramente, o tema central da pesquisa é o Brasil e o contexto temporal dos anos 1950, mais especificamente, o período do governo do presidente Juscelino Kubistchek (1956-1961). O objeto é a cidade do Rio Grande, e objetivo principal do trabalho é compreender como se expressou a visualidade urbana, conseqüentemente a modernização e urbanização na cidade do Rio Grande.

Para a análise deste trabalho, serão utilizadas cinco fontes; duas imagens realizadas através do estúdio Casa Foto Rio Grande e três fotorreportagens do jornal Rio Grande. Através dos arquivos da Fototeca Municipal do Rio Grande, pode-se observar que o estúdio fotográfico exerceu suas atividades por aproximadamente uma década, tendo seu fechamento por volta de 1964. Nos arquivos citados não consta que o objetivo era para fotografar as reformas urbanas, mas entende-se, devido ao contexto brasileiro e riograndino, que possivelmente o desígnio era esse. O jornal *Rio Grande* era considerado na década de 1950, o periódico de maior circulação da cidade. Ele surgiu em 1º de dezembro de 1913 e parou de ser impresso no ano de 1969.

Anos 1950 – “Anos Dourados”:

O mundo na década de 1950 recuperava-se de duas guerras¹³⁰, da crise de 1929, e além de tudo, após a Segunda Guerra Mundial, o cenário internacional modificou-se

¹²⁹ Graduação em História na Universidade Federal do Rio Grande. Mestranda em História na Universidade Federal de Pelotas. Bolsista Capes. Email: clarahallal@hotmail.com

¹³⁰ Primeira Guerra Mundial: 1914-1918 ; Segunda Guerra Mundial: 1939-1945

significativamente. Fora dividido em dois blocos políticos militares, capitalismo e comunismo, conduzidos pelos EUA e URSS, tendo como pano de fundo a Guerra Fria. No primeiro país a ordem do discurso era a individualidade e abundancia, enquanto que na URSS era o coletivo e a moderação. Assim, com a ampliação da influencia econômica, política e ideológica, os EUA penetrou a sua cultura norte-americana não apenas no Brasil, processo iniciado desde o início da guerra, mas igualmente na Europa.

Dessa forma, os anos 1950 trouxeram novas oportunidades e necessidades em relação ao consumo, dessa forma, o autor Eric Hobsbawm explana:

Anos dourados, sobretudo nos países ‘desenvolvidos’ cada vez mais prósperos, muita gente sabia que os tempos tinham de fato melhorado (...) O que antes era um luxo tornou-se agora o padrão de conforto desejado: a geladeira, a lavadora de roupas automática, o telefone (...) Era agora possível o cidadão médio desses países viver como só os muito ricos tinham vivido no tempo de seus pais – a não ser, claro, pela mecanização que substituíra os criados pessoais (HOBSBAWM, 1995, p. 253-259).

Por conseguinte, devido às novas necessidades, como a geladeira, televisão, telefone, etc, ocorreu um desenvolvimento da economia. Com a influencia dos EUA no Brasil, a indústria desse país viu uma oportunidade de modificar-se para atender a nova demanda.

Diante desse cenário, no governo de JK, tem-se uma quantidade de obras nunca antes vistas, tais como: são abertos 20 mil quilômetros de estradas, iniciam-se as obras de novas usinas hidrelétricas (Furnas, Três Marias), indústrias de mecânica pesada, etc. As indústrias de base crescem em praticamente 100%%.

O governo de JK tinha como lema “50 anos em 5”, pretendia desenvolver 50 anos de Brasil em apenas 5 anos. Para guiar tal preposição utilizou-se do Plano de Metas que tendeu a dar bases desenvolvimentistas para o Brasil, dentre os objetivos estava à expansão das metas de energia, alimentação, indústria de base e transporte para todo o Brasil, inclusive, para o interior (COUTO, 2011).

Desde o início da década de 1950, o tema que centralizava as atenções no País, era o desenvolvimentismo, isto é, a superação dos problemas sociais, do atraso econômico e cultural. Acreditava-se que, para liquidar a dependência econômica, só através da industrialização, e essa, nesse período, veio contígua com a modernização do Brasil. Importante ressaltar que a modernização é diferente de modernidade, pois é alavancada por cunho econômico. (HABERMAS, 1990, p.20).

Indo ao encontro do desenvolvimentismo, JK promulgou a 31ª meta, denominada meta síntese. Essa seria constituída pela criação da nova capital federal, Brasília, colocando em prática o que já determinava a constituição de 1891¹³¹. Devido à transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília, JK afirmava que, com isso, pretendia desenvolver o interior do País, pois as capitais normalmente são calcadas de pujança econômica. Dessa forma, Brasília seria o exemplo de que qualquer terra e região, por mais árida ou pobre que fosse, com os recursos e investimentos corretos, poderia desenvolver-se.

Logo, os “anos dourados” juntamente com o espírito otimista que perpetuou durante o governo de JK, acabou, assim, por acabar um conjunto de mudanças sociais, econômicas, políticas e urbanas e um amplo debate sobre a reconstrução nacional na década de 1950 até os primeiros anos da década posterior.

¹³¹ A Constituição de 1891 determina que será transferida a capital da União, que era o Rio de Janeiro, para um ponto central do Brasil.

Rio Grande – Anos Dourados:

Para a compreensão do desenvolvimento da cidade de Rio Grande é necessário entender que a industrialização sempre acompanhou sua constituição. Sendo assim, compreende-se que a primeira fase da industrialização que vai de 1874 até a década de 1960 é marcada pela fundação do complexo Rheingantz¹³² até o fechamento de grande número de fábricas instaladas na cidade.¹³³ A segunda fase, é marcada por um impulso industrial na cidade, começando na década de 1970 e se estendendo até a atualidade. Nesse sentido, pode-se concluir que a cidade do Rio Grande acompanhava a questão nacional-desenvolvimentista em curso no Brasil; existia a junção do Estado, empresas privadas e o capital estrangeiro investindo na cidade (MARTINS, 2006, p.27).

Na cidade, apesar de várias indústrias têxteis e frigoríficos terem fechado suas portas na segunda metade da década de 1950, foram abertas, nesse período, em Rio Grande, três empresas de pescados, somando mais de 1000 operários.

Além de situar Rio Grande no tempo, é necessário salientar que os seus habitantes, geralmente os mais abastados, viajavam e tinham contato com outros Estados e países. A autora Marina Pelissari, conclui que: “Com o passar do ano de 1960, Brasília começou a entrar no circuito de cidades a serem visitadas pelos “elegantes” rio-grandinos. Zicil passa a comentar sobre quem conhece a cidade e sobre quem tem planos de conhecê-la “ (PELISSARI, 2012, p. 161).

Dessa forma, é notório que a cidade do Rio Grande não estava excluída do contexto brasileiro, isso também se confirma porque entre 1956 e 1964, os portos do Rio Grande do Sul, mais especificamente os de Porto Alegre e Rio Grande, apresentavam uma singular relevância econômica e social. Diego Luiz Vivian explicita:

Em termos de tonelagem de mercadorias importadas e exportadas os portos de Porto Alegre e Rio Grande foram responsáveis, em 1950, por cerca de 9,26% do volume total das importações/exportações do Brasil. Em 1955 nota-se uma ligeira ampliação desta cifra, correspondendo a 9,59% de toda tonelagem movimentada em portos brasileiros. No ano de 1960, ainda que houvesse um decréscimo significativo nesses valores, a indústria portuária sul-rio-grandense ainda era responsável por 6,45% do total da movimentação portuária no País (VIVIAN, 2008, p. 14).

O autor destacou que os portos de Porto Alegre e Rio Grande estavam, nesse período, entre os principais do Brasil, processando parte do escoamento das mercadorias que chegavam ou saíam desses locais. Devido a isso, foram construídas e estruturadas redes de comunicação rodoviária, ferroviária, assim como, armazéns para o condicionamento dessas cargas.

Rio Grande tinha, na década de 1950, uma população de 77.915 habitantes, sendo a população urbana de 65.950 habitantes. Na década de 1960, o município contava com 100.378 habitantes e, dentro da população urbana, constava 87.528. Na mesma época (1950/1960), foram construídos os primeiros prédios de apartamentos com mais de cinco andares, principalmente, na Rua Marechal Floriano. Os principais prédios foram: Cia de Seguros Rio-Grandense: 1957; Banco Brasil: 1962; Banco Nacional do Comércio: 1962-1964 (COPSTEIN, 1982).

¹³²A fábrica Rheingantz foi fundada em 1873.

¹³³O fechamento de boa parte das fábricas da cidade de Rio Grande ocorre entre 1950 e 1960.

Click fotográfico: representações da visualidade e memória riograndina

As imagens, configurações e representações do tempo vivido ou imaginado pertencem ao campo da memória. Segundo Pierre Nora (1993, p.21) os denominados lugares de memória são “lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólica, funcional (...)” A memória está enraizada no lugar. Os lugares de memória são verdadeiros patrimônios culturais, projetados simbolicamente e que podem estar entrelaçados a um passado vivo que ainda marca presença e reforça os lados de identidade com o lugar.

Também, como elo de interpretação do passado, elenca-se que a memória é a voz e imagem do acontecido, sendo que cada indivíduo interpreta um mesmo elemento de maneiras distintas.

Em relação às imagens, Philippe Dubois enfatiza que “enquanto as imagens, que na maioria das vezes são signos simbólicos, alegóricos, compósitos, só são colocadas num lugar por um tempo, os lugares permanecem na memória” (DUBOIS, 1993, p.315). Dessa maneira, as imagens funcionam como um símbolo, teoricamente tendo seu tempo e lugar, e a memória, principalmente dessas imagens, perpetuam-se ao longo da existência do indivíduo.

Diehl demonstra que a memória difere da simples lembrança, uma vez que é representação produzida pela e através da experiência. Assim:

Constitui-se de um saber, formando tradições, caminhos - como canais de comunicação entre dimensões temporais -, ao invés de rastros e restos como no caso da lembrança. A memória pode constituir-se de elementos individuais e coletivos [...] (DIEHL, 2002, p. 116-117).

Por consecutivo, a memória é um fenômeno concomitante individual e coletivo, é um processo em permanente mudança, vinculando o sujeito histórico a um grupo social e a um momento específico no tempo.

A partir disso, tem-se nas fontes estabelecidas para a feitura deste trabalho, primeiramente, um trabalho de memória de um tempo vivido e imaginado: vivido no sentido que Rio Grande no período estudado (1956-1961) existiu e foi vivida por seus habitantes, e imaginado, porque as fontes são frutos da representação de fotógrafos, que com diversos objetivos, desejos e anseios fotografaram uma cidade em pleno curso de desenvolvimento.

Para a análise deste trabalho foram selecionadas imagens que estão nas categorias “Novos Bairros, Velhas Ruas” e também “Ampliação e Melhoria do sistema Hidráulico da cidade”.

Os autores Charles Monteiro (2006) e Zita Possamai (2005), com seus respectivos trabalhos, fornecem subsídios para a análise dessas imagens. Essas, nesta pesquisa, são analisadas sob o prisma formal (escolhas técnicas tais como luminosidade, enquadramento e escolhas estéticas do fotógrafo) e através do plano de conteúdo (conjunto de pessoas, lugares, vivências e ideias representadas na fotografia). A partir desde momento, tem-se a primeira fonte:



Figura 1: Vista do Porto Novo. Segunda metade da década de 1950. Estúdio Casa Foto Rio Grande.

Fonte: Fototeca Municipal

Nessa imagem 1, nota-se vários galpões e fábricas, evidenciando assim, a conjectura industrial do período. As indústrias pesqueiras se alojaram em torno deste local, porque era mais fácil o escoamento da produção. A cidade, na década de 1950 expandia-se para o oeste, novos loteamento eram criados para dar conta do crescimento da população urbana, que cresceu em mais de 22.000 habitantes.

No plano de expressão dessa fotografia, primeiramente nota-se que o fotógrafo está em nível superior ao do objeto fotografado. Possivelmente está em um prédio mais alto ou até mesmo em um helicóptero em baixa altitude. Ainda, a imagem está em preto e branco, e como primeiro plano duelam as construções das fábricas/galpões e com a Laguna dos Patos, local onde prioritariamente era feito o escoamento da produção.

O plano de conteúdo transmite a impress de infinito. Ou seja, que o local é possível de expansão, sem limites. Nessa foto, vê-se um crescimento de outra face da cidade, para além dos limites do centro.

As cidades brasileiras na década de 1950 eram fotografadas para assim evidenciar a modernização e desenvolvimento que tanto se pregava nesse período. Para isso, as prefeituras e outros órgãos públicos contratavam fotógrafos a fim de registrar as reformas urbanas (POSSAMAI, 2008). A totalidade das transformações urbanísticas da cidade pode ser assim pensada, quando se reflete a respeito das representações da modernização. E a fotografia nos fornece indícios do que isso um dia já foi ou quis ser. Apresenta-se então a figura 2:



Figura 2: Praça Xavier Ferreira, 1958. Estúdio Casa Foto Rio Grande. Fonte: Fototeca Municipal

Na imagem 2, os elementos formais a serem observados nessa foto: o ângulo da foto correspondente a Praça Xavier Ferreira está cortado. O fotógrafo para obter essa imagem, possivelmente ergueu-se em algum prédio adjacente a praça, a fim de obter essa fotografia.

Quanto ao conteúdo subtendido nessa imagem, pode-se observar: má conservação dos prédios, praça bem cuidada e razoavelmente arborizada. Existe um terreno vazio, conforme indicado na seta vermelha. A Praça está de acordo com os conceitos modernos em voga: em forma de esplanada, bem cuidada, poucas árvores e iluminada.

Outro elemento a ser observado: a rua ao lado da praça é mais larga do que a sua continuidade, conforme a seta laranja. Assim o alargamento da rua está de acordo com o conceito de praça moderna. Um dos elementos notórios do moderno nos anos 1950 é o alargamento das ruas, principalmente para dar espaço para os novos carros – mais velozes – que estavam surgindo. E, também, nota-se a presença de asfaltamento, outro elemento moderno e inovador. Para um melhor desenvolvimento do trabalho, tem-se a terceira fonte:



Figura 3: JR, Sábado, 25 de janeiro de 1958. Fonte: Biblioteca Rio Grandense

O título da fotorreportagem “Surge um novo bairro nas proximidades da hidráulica” vem ao encontro das questões desenvolvimentistas e modernas na cidade no período trabalhado. A matéria elucida que terrenos de fácil valorização estão postos à venda, e com energia elétrica, pavimentação e rede de água. Para facilitar a análise da matéria, foram ponderadas as três imagens que a compõem individualmente.

A imagem 1, constituída do traçado (desenho) do novo bairro, está acompanhada da seguinte legenda: “Este é o traçado do novo bairro, com as ruas em linha reta, obedecendo aos ditames do moderno urbanismo”(JR, 25 de janeiro, 1958, capa). Assim, nota-se que Rio Grande tinha conhecimentos sobre o que se entendia como o moderno urbanismo no Brasil, visto que questões como ruas em linha reta estavam sendo implantadas na cidade (VILHAÇA, 1999).

Na questão formal, em primeiro plano tem-se a rua, evidenciando, dessa forma, o traçado reto da rua. E a imagem 2, está acompanhada das seguintes palavras: “Ao fundo o arvoredo, que avança sobre a areia para dominá-la. A grama começa a urgir e o terreno se consolida, permitindo o tráfego do automóvel” (JR, 25 de janeiro, 1958, capa). Assim, nota-se o domínio do homem sob a natureza, fato constatado com mais exatidão na imagem 3, onde estão os dizeres: “as casas se alinham formando a rua onde antes as dunas ondulavam a brancura da paisagem. Os postes sustentam os cabos por onde a energia elétrica é conduzida às casas do novo bairro” (JR, 25 de janeiro, 1958, capa).

As três imagens podem ser analisadas sob um mesmo plano de conteúdo, visto que as fotorreportagens têm por objetivo quebrar o “padrão estético de uma reportagem tradicional, trazendo a fotografia para o centro da organização do discurso” (MEYRER, 2008,

p.21).. Na fotorreportagem, a fotografia e o texto disputam igualmente a organização do discurso, ambas possuindo igual importância.

Assim, têm-se informações pertinentes: primeiramente, nesse caso, servem como comprovação da efetividade e da existência do novo bairro próximo a então Hidráulica. A primeira imagem tem a função de evidenciar o traçado reto das ruas e, além disso, comprovar e legitimar que o novo lugar já existe e tem até mesmo um plano. A segunda e terceira imagem reforça a legitimação do traçado reto, e do homem dominando a natureza, principalmente no que tange aos cômodos de areia.

Dessa maneira, a fotografia, enquanto matéria bruta é uma representação de um fato/acontecimento, e, além disso, a imagem obtida já passou por inúmeros processos, nunca sendo a “verdadeira realidade”, mas sim uma cópia de um fragmento e memória do obtentor dessa imagem. Ansel Adams (2000, p.13), elucida que: “Na revelação da cópia, no entanto, chegamos à versão final depois de produzir várias provas”.

Portanto, a fotografia, antes do produto apresentado, nesse caso, no jornal, passa por inúmeros processos: motivos e intenções do fotógrafo, escolhas técnicas, crivo do editor do jornal e depois de tudo isso, ainda que no caso da figura 3, a fotografia esteja acompanhada de legendas e texto, cada leitor poderá ter sua leitura e visão a partir das imagens, geralmente esse processo passa pela sua memória e pertencimento ao lugar fotografado. Apresenta-se então a figura 4:



Figura 4: JR, Sexta Feira, 24 de janeiro de 1958 – Contracapa. Fonte: Biblioteca Rio Grandense

O título da matéria já fornece informações imprescindíveis para a análise em questão: “Água tratada e em abundância para abastecer Rio Grande”. Conforme explicitado anteriormente, será feito o mesmo processo de análise de cada imagem em separado da fotorreportagem. A imagem 1 é constituída de uma construção que irá ser posteriormente o

local do tratamento de água da cidade. A legenda fornece a seguinte informação: “A visão é impressionante. Esta construção gigantesca está sendo moldada em cimento, pedra e ferro. [...] Água tratada e em abundância para abastecer Rio Grande” (JR, Sexta Feira, 24 de janeiro de 1958, Contracapa).

A imagem 2 é acompanhada dos seguintes dizeres: “Nêste edifício de linhas modernas se encontram montados os motores da usina de recalque, que impulsionarão a água para a cidade [...]”(JR, Sexta Feira, 24 de janeiro de 1958, Contracapa).

Através das duas imagens e suas legendas, observa-se que, segundo o jornal *Rio Grande*, a modernização e o desenvolvimento seriam constituídos pelos elementos mais básicos, como o tratamento e melhor abastecimento de água para a cidade, para isso seria construído um edifício, que iria comportar as novas instalações do local para o tratamento de água, de linhas modernas.

Dessa maneira, o resultado da análise de fotografias e cultura visual, como um todo, é uma narrativa completamente diferente da inicial. Antes só se tinha uma fotografia e/ou texto, agora, tem-se o tempo da própria imagem, o tempo do pesquisador e, por fim, a junção desses tempos, e o resultado final é uma narrativa completamente nova, reunindo três tempos diferentes. Assim, a autora Annateresa Fabris elucida que:

Construída ou tomada no calor da hora, a fotografia é vista pela sociedade como a evidência do que aconteceu no momento em que o operador voltou sua câmara para um determinado referente. O caráter testemunhal da fotografia, ainda tão prezado nesse momento em que as tecnologias da informação apontam para uma desnaturalização crescente do real, parece fornecer uma âncora a uma sociedade que não consegue romper de vez com a materialidade do mundo. Cabe aos estudiosos analisar os paradoxos e as contradições embutidos numa imagem quase imaterial, mas dotada de uma materialidade inequívoca aos olhos da maior parte das pessoas (FABRIS, S/A, p. 8).

Não basta olhar e querer descobrir os diversos significados das imagens, mas, sim, é indispensável analisar o contexto e o suporte documental, a fim de poder preparar a visão para avaliar as fotografias. Os fotógrafos são narradores, fazendo com que seu olhar, representado pela lente fotográfica, seja um “instante” daquela paisagem/objeto. Para complementar a análise do trabalho, apresenta-se então a figura 5:



Figura 5: JR, Sábado, 13 de julho de 1957, Contracapa. Fonte: Biblioteca Rio Grandense

A figura 5 é uma fotorreportagem do jornal *Rio Grande* datada de 13 de julho de 1957. Observações pertinentes na questão formal: o título da matéria denominando “Assenta-se as bases de um núcleo suburbano” sintetiza o restante do escrito, que seria a construção e posteriormente amplas vantagens para adquirir esses terrenos, situados à margem da Avenida Santos Dumont, denominado de Vila São Jorge. Também é apresentado que o local está em crescente valorização, sendo um importante trecho da cidade, já que é um dos caminhos para se chegar até o balneário Cassino. Têm-se duas fotos representativas nessa reportagem: a primeira do contrato sendo assinado, para “comprovar” para a população que os trâmites legais estão sendo agilizados, e a outra imagem, ainda que escura devido à própria qualidade do jornal está evidenciada uma estrada de terra, com mato a sua volta, mostrando onde no futuro, as casas irão ser construídas.

O plano de conteúdo legitima que o início das obras está prestes a começar; o contrato já fora assinado, o processo de construção da estrada para chegar ao novo residencial começou e novamente uma matéria do jornal enfatiza o domínio do homem perante a natureza.

Dessa maneira, compreende-se que para abranger uma cultura visual como um todo, deve-se problematizar, questionando desde o processo de composição e “feitura” ao contexto em que foi produzida. Por isso, que foi realizado o contexto do Brasil e Rio Grande antes de apresentar as fontes.

Considerações Finais:

Um trabalho de ciências humanas dificilmente esgota-se em si próprio, a todo instante, novas análises, fontes e teóricos surgem e re(fazem) o pesquisador questionar suas ideias e objetivos. Porém, para esse momento, esse trabalho chegou a algumas conclusões pertinentes.

Primeiramente, não consta nos registros da fototeca que o estúdio Casa Foto Rio Grande foi contratado pela prefeitura para obter fotografias urbanas, porém, devido ao contexto da época e a especificidade das imagens, levanta-se a hipótese que o motivo inicial das imagens era evidenciar/mostrar a nova visualidade urbana que Rio Grande ambicionava transpassar para o restante do país. A bibliografia ajudou a compreender tal intenção, e o jornal, sempre evidenciando as reformas em curso, prédios construídos em linhas modernas, a questão da melhoria do problema da água e os novos bairros surgindo, legitima tal informação.

O patrimônio, nesse trabalho, mostra-se talvez não da forma tradicional, pois a Usina de água, Praça Xavier Ferreira e os novos loteamentos não são considerados patrimônios oficiais do município, contudo, o patrimônio nesse período específico, seria o legado que o governo de JK transmitiu ao município, voltado às questões desenvolvimentistas, industriais e modernas. A memória complementa esse processo, porque as fotografias do estúdio e as fotorreportagens não deixam de serem memórias dos fotógrafos a respeito dos elementos fotografados. Assim, os discursos do jornal e fotografias do estúdio não deixam de ser atos de memória vividos e construídos por quem está relatando os fatos.

Referências

ADAMS, Ansel. **A cópia**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

COPSTEIN, Rafael. **Evolução Urbana de Rio Grande**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n.122, p.43-68, 1982.

COUTO, Ronaldo Costa. **Juscelino Kubitschek**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara: Senado Federal, Edições Técnicas, 2011.

DIEHL, Astor Antonio. **Cultura historiográfica**: memória, identidade e representação.

DUBOIS, Philippe. **O Ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papius, 1993.

FABRIS, Annateresa. **Discutindo a Imagem Fotográfica**. Fotografia Contemporânea LtdaMe. Sem Ano.

HABERMAS, Jürgen. **A consciência de época da modernidade e a sua necessidade de autocertificação**. In: O discurso filosófico da modernidade. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 253/259.

MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande**: industrialização e urbanidade (1873 – 1990). Rio Grande: Editora da Furg, 2006.

MONTEIRO, Charles. **História, fotografia e cidade**: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. MÉTIS: história & cultura – v. 5, n. 9, p. 11-23, jan./jun. 2006.

NORA, Pierre. **Entre memória e história – a problemática dos lugares**. São Paulo: PUC. 1993.

PELISSARI, Marina Kruger. **A “mais fina sociedade riograndina” e suas representações: a vida social da elite de Rio Grande - RS (1956 a 1960)**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS, 2012.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre décadas de 1920-1930**. Tese doutorado, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

_____, Zita. **Fotografia e Cidade**. ArtCultura, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 67-68 77, jan.-jun. 2008.

VILLAÇA, F. **Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil**. In: DÉAK, C; SCHIFFER, S. (Org). O processo de urbanização no Brasil. São Paulo: EDUSP/FUPAN, 1999, p.171-243.

VIVIAN, Diego Luiz. **Indústria portuária sul-rio-grandense: portos, transgressões e a formação da categoria dos vigias de embarcações em porto alegre e rio grande (1956 - 1964)**. Dissertação, UFRGS, Porto Alegre, 2008.